



Práticas cosmopolíticas de educação e resistência Ka'apor: A educação Jumueha Renda Keruhu e a Marcha em memória a Sarapó Ka'apor

*Cosmopolitical practices of Ka'apor education and resistance:
Jumueha Renda Keruhu Education and the March in memory of Sarapó Ka'apor*

Manoel Ribeiro de Moraes Júnior

Docente do PPGCR da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Yratomy Ka'apó Neto

Professor do Centro de Formação do Ka'apó

Taynara Moraes Portal

*Doutoranda em Sociologia e Antropologia pela UFPA, Professora no Projeto
Formação e Saberes Ka'apó*

José Maria Mendes Andrades

*Mestrado em Ciências Sociais pela UFPA, Professor no Projeto Formação e Saberes
Ka'apó*

Resumo: Este artigo busca compreender e apresentar a mobilização etno-política dos Ka'apor em torno de seu projeto educacional e ambiental no projeto educacional Jumueha Renda Keruhu e a Marcha em memória de Sarapó Ka'apor. Essa luta, fundamental para a vida dos Ka'apor, frequentemente os coloca em confronto direto com grupos ilegais que buscam invadir e explorar a Terra Indígena Alto Turiaçú por meio de diversas formas de exploração destrutiva. Essas ações não apenas ameaçam a terra, mas também os modos de vida e a auto-identidade do povo Ka'apor. A valorização dos modos de vida Ka'apor vai além da simples defesa do macroambiente florestal. Ela representa um compromisso profundo com a preservação de saberes bioculturais essenciais para o bem-estar. Transmitidos de geração em geração, esses saberes são fundamentais para a sobrevivência e o florescimento da cultura Ka'apor. Eles abrangem uma ampla gama de conhecimentos e práticas, desde a gestão sustentável dos recursos naturais até rituais e tradições que fortalecem a coesão comunitária e a identidade cultural. Esses saberes constituem um legado precioso que deve ser protegido e valorizado, representando a rica herança cultural dos Ka'apor e testemunhando sua profunda conexão com a Terra Indígena Alto Turiaçú.

Palavras-Chave: Ka'apor. Alto Turiaçu. Jumueha Renda Keruhu. Marcha Sarapó Ka'apor.

Abstract: This article seeks to understand and present the ethno-political mobilization of the Ka'apor around their educational and environmental project, the Jumueha Renda Keruhu educational project, and the Sarapó Ka'apó March. This struggle, fundamental to

the life of the Ka'apor, often puts them in direct confrontation with illegal groups seeking to invade and exploit the Alto Turiaçu Indigenous Land through various forms of destructive exploitation. These actions threaten not only the land, but also the ways of life and self-identity of the Ka'apor people. The appreciation of the Ka'apor ways of life goes beyond the simple defense of the macro-environment. It represents a deep commitment to the preservation of essential biocultural knowledge for well-being. Transmitted from generation to generation, this knowledge is fundamental to the survival and flourishing of the Ka'apor culture. They encompass a wide range of knowledge and practices, from the sustainable management of natural resources to rituals and traditions that strengthen community cohesion and cultural identity. This knowledge constitutes a precious legacy that must be protected and valued, representing the rich cultural heritage of the Ka'apor and bearing witness to their deep connection with the Alto Turiaçu Indigenous Land

Word Keys: Kays Ka'apó. Alto Turiaçu. Jumueha Renda Keruhu. Marcha Sarapó Ka'apor.

Introdução

Em nossa época, a maior ameaça colonial à região Norte vem não apenas da Europa e dos EUA, mas também do Sudeste e Sul do Brasil com: i) sua concentração de transações financeiras lideradas pela FEBRABAN, BOVESPA e BM&F (integrante parte da Bovespa; ii) com sua demanda preferencial por energia elétrica, que obrigou a hidrelétrica de Itaipu a transferir parte da produção destinada ao Paraguai para o sudeste do Brasil, iii) forçando a construção de novas hidrelétricas na Amazônia - em além daqueles que expulsaram povos tradicionais de seus etnoterritórios, destacando Belo Monte e suas degradações dos ambientes e dos povos xinguenses; iv) e mais, para garantir o crescimento regional, subvalorizou o preço do gás na Amazônia e nos países andinos para garantir o seu crescimento energético. Talvez assim se possa entender como existe um grau de investimento comercial, social e científico no Sudeste, e sua real importância em comparação com outras regiões do Brasil.

Outra ameaça à Amazônia é a produção agrícola das empresas do Sul que ampliam suas atividades e, ao mesmo tempo, deterioram o corredor ambiental devido à sua produção extrativista que começa no Rio Grande do Sul, passa por Santa Catarina e, no Paraná, atravessa as terras genocidas dos Guarani Kaiwa, atravessa Matogrosso do Sul e Matogrosso, atravessando (expressão coloquial) por Rondônia, Acre, Amazonas e desembarcando no porto de Santarém – Oeste do Pará. É uma produção extrativista, profundamente armada e violenta.

A outra grande ameaça é a própria Amazon e a Vale – um consórcio de empresas do Brasil, China, Suécia, Canadá, etc. A Vale é uma ameaça não apenas com suas grandes extrações formais de minério, mas também com sua mineração não formal. E o que seria uma extração não formal ligada à Vale? São os garimpos, pequenas mineradoras, etc. que estão progredindo em toda a Amazônia. Desde então, já é possível fazer uma divisão de mundos, uma divisão “onto-ambiental” entre a era pós-colonial e a era pré-colonial. Por meio de intelectuais como Phillipe Descola, Viveiros de Castro, João Pacheco de Oliveira, Roque Laraia, Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Zélia Amador de Deus, Lévi-Strauss, etc., vale ressaltar que esta discussão não se baseia na imaginação do que poderíamos chamar de uma Amazônia pré-colonial

fantástica - é importante ressaltar que se utiliza o termo fantástico como algo 'surpreendente e estranho ao olhar imaginativo'. do transeunte estrangeiro, e não a excelente concepção de Todorov.

Então, o que é a Amazônia? Geograficamente podemos classificar a Amazônia em geral, andina, baixa e legal. Pelas suas múltiplas dimensões ambientais. Pelo menos no Brasil podemos observá-lo como um bioma no qual vários ecossistemas se tornaram possíveis, como terra firme, várzea, igapó, cerrados e áreas costeiras na convergência com o Atlântico. No bioma Amazônia existem aproximadamente 2.500 espécies de árvores. É importante notar que das 100 mil espécies de plantas encontradas na América do Sul, 30 mil são encontradas na floresta amazônica. A fauna amazônica é bastante diversificada, representando cerca de 20% da diversidade animal do planeta, com espécies exclusivas do local e muitas delas ameaçadas de extinção.

Na Amazônia você encontra a onça-pintada, um dos maiores felinos do mundo, a sucuri, uma das maiores cobras do mundo, o pirarucu, um dos maiores peixes de água doce do mundo. Assim, já podemos perceber que as populações amazônicas possuem especificidades de habitat, de organização social, de ambiente alimentar sustentável, de produção, de expressão material e imaterial, de modos de relações estabelecidas com os humanos e com os outros - isto é, dos seres antropos e daqueles que são não é facilmente percebido como existente.

Ao nos referirmos a categoria “indígena” apresentamos populações diferentes entre si, tanto do ponto de vista biológico, quanto linguístico, como dos costumes (MELATTI, 1983, p. 31-56) existindo naturezas e uma multiplicidade de culturas, na diversidade dos corpos. São seres humanos, animais e outras subjetividades que povoam todo um universo vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos vêem-se como humanos (CASTRO, 2002, p. 350-352). Em suas relações com os animais, e as plantas em menor medida, são aí percebidos como sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos, sua forma de viver e conviver em seus ambientes, não fora abandonada a concepção de que ele era inferior ou primitivo ao seu colonizador europeu.

Suas cosmologias engendram uma ontologia às vezes batizada de "perspectivismo" (Viveiros de Castro 1996), afirmando que múltiplas visões de mundo podem conviver sem se contradizerem. Isso promove um dualismo moderno, que reflete uma multiplicidade de diferenças culturais sobre o fundo de uma natureza imutável nos ambientes dos ameríndios refletindo em um regime cultural e diversificado por naturezas heterogêneas e complexas. Desta forma o Estado Brasileiro, historicamente, reservou aos seus povos ameríndios duas possibilidades, viverem isolados da civilização, como sociedades paradas no tempo; ou de serem integrados à civilização, como indivíduos externos à sociedade nacional. Tudo envolto de dimensões sobre seus territórios e com um autoritarismo estatal brasileiro no tratamento das questões indígenas, que dificultam a consolidação de movimentos indígenas de âmbito nacional (NEVES, 2003, p. 115).

A natureza e a cultura, a animalidade e a humanidade, afirma, tornam-se mutuamente permeáveis. “Passa-se livremente e sem obstáculos de um reino ao outro: em vez de existir um abismo entre os dois, misturam-se” (LÉVI-STRAUSS, 1964, p. 316). Esses pressupostos para o autor encontram-se na mistura de ambas, natureza e cultura se tornam correlativos, os dois mundos até então separados e incomunicáveis se estruturaram. A grande questão desse encontro está na religação desses dois modos

e como eles se comportam perante os saberes bioculturais e os padrões de racionalidade e racionalização que os dirigem.

Para Carneiro da Cunha (1992) nefasta foi a política de concentração da população praticada por missionários e pelos órgãos oficiais, favoreceu as epidemias, a exploração do trabalho indígena, enfim, tudo isso pesou decisivamente na dizimação dos índios (CARNEIRO DA CUNHA, 1992, p.15). De acordo com Pacheco de Oliveira e Freire (2006) todas as práticas tradicionais dos povos indígenas eram retratadas em gravuras e iconografias com associação às práticas demoníacas, tudo indicando a necessidade de uma intervenção salvadora, disciplinadora e exterior.

Todo o contexto violento sobre os povos indígenas, fez com que se organizassem e estabelecessem modelos de gestões políticas próprias, expresso no comunitarismo, não decorrente da exclusão, na busca por formação de suas organizações, baseadas na economia solidária, na emancipação libertadora representados pela auto-organização como Amador (2016) afirma que os povos indígenas, da floresta e quilombolas, que podem se libertar da exclusão social, mantendo o direito à identidade sonogado pelo pluralismo policêntrico infrajurídico, estatal e assistencialista. Para a referida autora, pode mais vezes revelar-se sem perder a sua estrutura matriz, abrindo fendas, brechas e frestas, pode rasgar o tecido da cultura oficial e vir à tona exercendo um papel de resistência.

1 O mundo Ka'apor: as ameaças aos saberes ambientes e ancestrais na Amazônia

Os ameríndios Ka'apor residem a Terra Indígena (TI) Alto Turiaçu (FUNAI, 2023), localizada na Amazônia Oriental. Esta região abrange uma parte do noroeste do Estado do Maranhão, com grande parte de sua TI fazendo fronteira com o sudeste do Estado do Pará. A TI Alto Turiaçu é uma das maiores terras indígenas em sua região, no Estado do Maranhão, e foi regularizada e homologada pelo governo federal através do Decreto nº 88.002 de 1982.

De acordo com os dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2021), a TI Alto Turiaçu possui uma área aproximada de 524.000 hectares. Atualmente, os Ka'apor estão distribuídos em 11 espaços que se autodenominam aldeias, termo que eles usam para se referir aos seus ambientes tradicionais de moradia, e 11 áreas de proteção. Estas últimas são espaços de habitação estrategicamente ocupados para a proteção da TI Alto Turiaçu.

Vale destacar que, após trabalhos de etnomapeamento conforme o relatório de Mapeamento participativo, autogoverno e gestão territorial Ka'apor (2022), concluiu-se que a extensão da área florestal Ka'apor é de 5.301 km². Além disso, estima-se que a população Ka'apor seja de aproximadamente 1.900 indígenas.

O idioma Ka'apor pertence à família etnolinguística Tupi-Guarani, que é parte do grupo linguístico Tupi. Segundo os estudos de Castro e Silva et al (2019), o noroeste da Amazônia foi o centro de diversificação dos tupi-guarani. Esses povos compartilham uma macro-estrutura que engloba questões de parentesco, língua, religiosidade, crenças e práticas culturais. Essa ancestralidade com os tupi-guarani auxilia na análise de dados históricos, geográficos e biológicos, permitindo a compreensão de um sistema elaborado de ação e linguagem que orienta os povos Ka'apor, bem como outros povos como os Tembé, Guajajara, Assurini e Aikewara.

Ribeiro (1996) afirma que os Ka'apor são o último povo relativamente numeroso e representativo da cultura Tupi, que ocupava a costa brasileira na época da chegada dos primeiros colonizadores portugueses. Almeida e Neves (2015) argumentam que o sudoeste amazônico foi o centro de dispersão dos falantes Tupi, possuindo uma diversidade cultural e linguística que contribuiu para a formação da família Tupi-Guarani no noroeste amazônico. A diáspora tupi em direção ao sudeste brasileiro ajudou a moldar o mundo étnico, linguístico e imaginário dos povos tupi-guarani, que mais tarde povoaram o litoral nordestino e, na história mais recente do Brasil, o sudeste e noroeste amazônico (Pará e Maranhão).

Os Ka'apor foram contatados há cerca de 300 anos, provavelmente na região que abrange o nordeste do estado do Pará, mais precisamente na Amazônia entre o baixo Tocantins e o Xingu, no final do século XVII e início do século XVIII (Ribeiro, 1996). A difusão étnica também foi um fator na ascendência dos povos tupi-guarani no nordeste brasileiro, especialmente aqueles conhecidos como os tupinambás (SILVA, 2009). Estes, por sua vez, avançaram em direção à Amazônia e, por isso, são conhecidos como os Tupinambás da Amazônia (Ka'apor, Guajajara, Tembé, Assurini, Parakanã, Aikewara etc.). Assim, pode-se dizer que a presença do mundo Tupinambá da Amazônia está situada entre os mundos hídricos dos rios Gurupi, Guamá, Tocantins, Araguaia e, em menor proporção, Xingú.

A expressão Kaaporté possui uma semântica extremamente rica. Este termo é traduzido como 'moradores da mata' (Ribeiro, 1996), indicando que, para este povo, a floresta é o seu ambiente fundamental. Esta autodenominação, de grande importância, é encontrada em outras variações, como: Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor e Ka'apor. Ao explorar mais profundamente os termos de autodenominação, pode-se inferir que a expressão Ka'apor possa derivar de Ka'a-pypor, que significa 'pegadas na mata/floresta'. Esta expressão pode ser associada àqueles que são os 'moradores da mata/floresta'. Portanto, a identidade dos Ka'apor está intrinsecamente ligada à sua relação com a floresta, o que é refletido em sua linguagem e autodenominação.

O processo de colonização conduzido pelo reino português na América resultou na formação progressiva de um Estado com estrutura jurídica e territorial. Este Estado passou a exercer controle sobre os ambientes e as etnias por meio de um comando hegemônico militar e estatal, de caráter luso nacionalista, sem a existência de uma interlocução solidária interétnica. Não é surpreendente que os primeiros registros de contato entre os órgãos do Estado Brasileiro ou da Igreja Católica com os Urubu-Ka'apor tenham sempre indicado momentos de violência entre as partes envolvidas. Do ponto de vista colonial, Gustavo Dodt (1938) destaca que,

Esta tribo vive isolada e sem relações com a população civilizada; só nas suas correrias, que estendem até margens do Gurupi, que eles também transpõem, é que entram em contato com a população civilizada, para a qual às vezes se torna perigosa. Todavia há casos, em que eles têm disparado algumas flechas, sobre canoas, que passavam no rio, ou sobre as casas na proximidade da colônia militar, sítio muito raros[...] (DODT, 1938, p. 176).

Este texto de Dodt revela como o estado luso-brasileiro, em suas fases colonial, imperial e, finalmente, republicana, tornou-se hegemônico sobre um território ancestralmente ocupado por povos profundamente tradicionais. Este avanço do

domínio territorial pelo estado luso-brasileiro ocorreu em meio a um conflito doloroso e sangrento com os povos ameríndios e, simultaneamente, com os povos afro-diaspóricos. Desde então, os Ka'apor migraram da região onde viviam no estado do Pará para se estabelecerem em seu atual território no estado do Maranhão.

Apesar dos desafios dos processos de contato, eles buscaram fortalecer sua resistência, implicando a adoção de novas formas de organização social e a criação de estratégias para o cuidado socioambiental. Além disso, estabeleceram relações sociais, culturais e políticas, que são expressas nas diversas frentes de atuação que formam os princípios orientadores para a manutenção da cultura Ka'apor.

Para os Ka'apor, os elementos da floresta são considerados o mundo onde tudo é possível, a vida é possível, dádiva essenciais para a existência, o conhecimento, a memória histórica e a cultura. Isso se reflete em um intenso modo de existência, expresso em modelos íntimos de parentesco entre humanos e não-humanos locais, concepções de pessoa e práticas rituais e narrativas. Assim, pode-se observar que a vida dos Ka'apor é intrinsecamente ligada ao seu bioma.

A preservação de seu território atual é fundamental para manter a conexão com a infinidade de seres vivos, incluindo a fauna, a flora e o mundo mineral, bem como com os entes encantados que fazem parte do contexto de relações que abrange toda a natureza. Os Ka'apor se veem como parte integrante desta teia viva, a Ka'a, uma rede de entes e saberes na qual eles próprios se inserem. Eles se diferenciam e se assemelham, sempre moldando sua identidade em estreita semelhança com as outras formas de vida presentes em seu ambiente. Portanto, a identidade dos Ka'apor é construída em constante diálogo com a diversidade de vida que os rodeia."

2 Jumueha Renda keruhu – Centro de Formação Saberes Ka'apor - CFSK

O *Jumueha Renda Keruhu* é um espaço de cultura e educação comunitária que se organiza como pessoa jurídica, sem fins lucrativos, constituída por lideranças Ka'apor da TI Alto Turiaçu. O *Jumueha Renda Keruhu* é uma expressão Ka'apor que pode ser traduzido para o português como Centro de Formação Saberes Ka'apor (CFSK). As discussões políticas que sustentam o CFSK sempre giram em torno da ideia de que os saberes e as atividades produtivas da cultura, meio ambiente e educação devem ser constituídos com base na educação tradicional Ka'apor.

Esta prática étnica de ensino deve acontecer segundo uma ontologia local, que rege a ideia de calendário, saberes e ações, sempre balizados pelas unidades "Cultura", "Cuidado" e "Território". É bom entender que esta política própria de fortalecimento educacional se mobiliza em quatro frentes sociais para articulações que defendam a i) educação etno-escolar, a ii) saúde e assistência ameríndia, iii) a proteção do largo ambiente e a iv) autogestão das práticas políticas locais (PPCK, 2020, p. 11). Este ideal orgânico é mobilizado pelos Tuxá Ta Pame (conselho de gestão ou lideranças Ka'apor) composta por indígenas Ka'apor que são consagrados coletivamente ao grau de Tuxa – nome ancestral dado pelos Ka'apor aos seus líderes.

Frente aos novos contextos políticos, os Ka'apor não articulam sua liderança em uma única pessoa, mas num coletivo de liderança denominado Tuxá Ta Pame. Em muitas reuniões, os Ka'apor entenderam que o formato de cacicado dos últimos decênios não era uma instituição ancestral, mas sim um modelo de liderança imposto pelo SPI e, tempos depois, pela Funai, para intermediar as relações entre eles e os órgãos públicos do governo brasileiro.

Os desafios podem ser ainda maiores, pois a realização de uma gestão autônoma exige um esforço redobrado, uma participação ativa de todas e todos, e ações direcionadas para garantir o acesso aos direitos básicos, sempre de modo cotidiano e perene. A figura subsequente oferece uma visão abrangente dos pilares que sustentam o CFSK. Ela ilustra como a governança é integrada e orienta o modo de vida dos Ka'apor associados ao centro.

A luta mais significativa é para conter os avanços das invasões territoriais por madeireiros, das constantes ameaças de morte às lideranças e em promover uma educação diferenciada que valorize a cultura Ka'apor. Seguindo a estrutura de organização interna do CFSK, vamos detalhar cada uma dessas frentes e como todas convergem para um único objetivo: o respeito à floresta para o bem-estar de todos. A educação escolar dos Ka'apor resulta em frentes de trabalho, que são capazes de construir o que Brandão (2002) chama de processos de “interação de saberes em graus e modos sempre amplos e profundos”, que integram a dinâmica da vida (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Contar e ouvir narrativas históricas é um dos meios mais comuns para a transmissão dos saberes Ka'apor.

2.1 Formação/Educação Escolar: O objetivo é fortalecer a formação do indivíduo Ka'apor desde a infância, através de atividades etnobotânicas e escolares. Essas atividades são organizadas em ciclos completos de habilidades, que permitem tanto reforçar as raízes ancestrais quanto desenvolver competências para diversas ações políticas, culturais, econômicas e ambientais. Isso inclui a capacidade de participar de diálogos cooperativos com outras sociedades.

Figura 1. Professor Mestre da Cultura Pirihá Ka'apor ao centro e seus educandos.



Fonte: Centro de Formação Saberes Ka'apor, 2021.

A educação escolar Ka'apor a partir de parâmetros curriculares e de organização própria, de modo algum trouxe entraves à cultura Ka'apor, mas sim colaborou na manutenção e fortalecimento em diversas esferas para além do processo de

escolarização, pois há uma apropriação de saberes antigos e novos e que são ressignificados no seu espaço escolar. A organização do projeto educacional Ka'por, proporcionou a escrita do Projeto Político Pedagógico Ka'apor e o avanço na aprovação da Câmara de Educação Básica do Conselho Estadual de Educação do Maranhão por unanimidade da proposta Pedagógica e Curricular dos Ka'apor – Aprendendo com a floresta. A presidente da Câmara de Educação Básica do CEE, Régina Galeno, afirma que:

Cada escola possui uma identidade pedagógica expressa nos seus próprios valores, dificuldades, vantagens e desvantagens, que podem ser adaptados a diferentes realidades. “A Lei de Diretrizes permite que cada escola tenha autonomia para elaborar sua proposta pedagógica de acordo com seus interesses, de seus alunos e da comunidade onde está inserida, nesse sentido, o CEE entende e respeita o desejo dos povos indígenas por uma educação que valorize suas práticas culturais e lhes dê acesso a conhecimentos e práticas de outros grupos sociais. (Conselho de Educação do Estado do Maranhão, 28/04/2022).

2.2 Gestão Política: Este pilar é fundamentado na auto-organização, um princípio ancestral que é particularmente valorizado pelas lideranças Tuxa. Eles se dedicam a uma variedade de atividades que visam a articulação de projetos em diversas áreas, incluindo políticas, culturais, assistenciais, educacionais, territoriais e sanitárias.

Figura 2. Tuxá Ta Pamé – lideranças Ka'apor.



Fonte: Cartilha de Mapeamento Participativo, Autogoverno e Gestão Territorial Ka'apor, 2022.

Essas atividades, que ocorrem dentro de sua própria TI, são um testemunho de sua capacidade de auto-gestão e resiliência. Além disso, eles estabelecem diálogos com uma ampla gama de setores, tanto públicos quanto privados, em níveis nacional e internacional. Isso demonstra a sua habilidade em navegar e influenciar diferentes esferas de poder para defender seus interesses e direitos. Toda organização interna dos Tuxa baseada na cultura Ka'apor, as assembleias organizadas pelos Tuxá com a participação das comunidades fizeram com que eles criassem um modelo de vida pautado em valores baseados nos saberes da floresta.

Por meio do cons, os Tuxa Ka'apor organizam diversas atividades internas e externas para discutirem os problemas e soluções que envolvem a questão territorial.

Logo, se fez necessário criar os Encontros de Governança e de Autodefesa Ka'apor e eles basicamente correspondem a encontros entre as lideranças e demais indígenas Ka'apor que fazem a fiscalização nos limites da T. I Alto Turiaçu. Os K'a usak ha (Guarda de Autodefesa Ka'apor) passaram a usar como estratégia de implantação as chamadas “áreas de proteção” para conter o avanço de invasões no seu território.

De acordo com dados do Cimi (2021) o contexto geral de ataques aos territórios, lideranças e comunidades indígenas está relacionado a uma série de medidas, por parte do poder Executivo, que favoreceram a exploração e a apropriação privada de terras indígenas, assim como à atuação do governo federal e de sua base aliada para aprovar leis que buscam desmontar a proteção constitucional aos povos originários e seus territórios. (CIMI, 2021, p. 6).

Outros dados são colocados no documento, como a violência contra o patrimônio, contra a pessoa, omissão do poder público, memória e justiça. Infelizmente nos últimos anos os Ka'apor perderam lideranças de forma violenta por conta dos conflitos territoriais e outras são acompanhadas pela Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH) e o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (PPDDH).

2.3 Proteção Territorial Ka'apor: Este termo se refere a uma série de atividades realizadas pelo povo Ka'apor com o objetivo de proteger e revitalizar seus territórios. As ações incluem a etnodelimitação dos territórios, um processo que define as fronteiras baseadas em critérios étnicos e culturais. Além disso, eles identificam áreas ambientalmente frágeis e estabelecem zonas de proteção para preservar esses espaços. A valorização dos espaços hídricos é outra atividade importante, reconhecendo a grande importância da água para a vida e a sustentabilidade do ambiente local.

Figura 3. Atividade de Proteção territorial –placas no limite do território Ka'apor.



Fonte: Cartilha de Mapeamento Participativo, Autogoverno E Gestão Territorial Ka'apor, 2022.

O povo Ka'apor também se dedica ao desenvolvimento de sistemas agroflorestais, uma forma de agricultura que integra árvores e arbustos com culturas, promovendo a biodiversidade e a saúde do solo. Por fim, eles se empenham no avivamento biodiversificado do território, com foco especial nas áreas que foram degradadas. Este trabalho de restauração e revitalização aumenta a biodiversidade e melhora a saúde geral do ecossistema. Todas essas atividades demonstram o

compromisso profundo do povo Ka'apor com a proteção e a sustentabilidade ambiental.

Figura 4. Atividade de Mapeamento com educandos Ka'apor



Fonte: Cartilha de Mapeamento Participativo, Autogoverno E Gestão Territorial Ka'apor, 2022.

2.4 Saúde/assistência: Este princípio enfatiza a valorização dos conhecimentos ancestrais no cuidado com a saúde, a vida, do povo Ka'apor. Ele abrange uma abordagem que, de um ponto de vista de quem busca compreender o saber local, poder-se-ia nominar de integrativa entre o corpo, a comunidade, o conhecimento e o ambiente. Além disso, reconhece a importância de combinar a medicina aplicada pelas políticas públicas, com as demandas e saberes locais. Desta forma, a saúde não é vista apenas como a ausência de doença, mas como um estado de bem-estar físico, social e ambiental, alcançado através do fortalecimento do viver Ka'apor.

Figura 5. Atividade agroflorestal Ka'apor – Projeto Educacional Ka'apor



Fonte: Centro de Formação Saberes Ka'apor, 2021.

3. A batalha de Sarapó Ka'apor: um ícone da gestão política e da cultura Ka'apor

Sarapó Ka'apor, uma das lideranças (Tuxá Ta Pamé) do CFSK, era conhecido por suas atividades voltadas para a proteção da floresta Ka'apor. Sarapó Ka'apor, residia na área de proteção ambiental Ararorenda. Esta área foi estabelecida em uma região do território Alto Turiaçu, onde havia uma intensa atividade de extração de madeira. Além disso, empresas mineradoras tentavam estabelecer operações de extração de ouro na área, muitas vezes recorrendo a táticas de assédio financeiro.

Infelizmente, ele faleceu em 14 de maio de 2022, e a causa exata de sua morte ainda não foi determinada pelas autoridades competentes. No entanto, há suspeitas entre seus parentes de que Sarapó possa ter sido vítima de envenenamento intenso. Atualmente, os Ka'apor estão pedindo às autoridades do estado do Maranhão que realizem uma investigação mais rápida e aprofundada sobre a possível causa do suposto homicídio e seus possíveis mandante. Como uma figura proeminente na defesa do território Ka'apor, Sarapó estava frequentemente em conflito com invasores.

Por causa de sua posição e atividades, ele era continuamente ameaçado e perseguido por não indígenas das regiões vizinhas. A luta de Sarapó exemplifica a resistência e a determinação do povo Ka'apor na proteção de suas terras e modo de vida.

Figura 6. Sarapó Ka'apor primeiro Tuxá a comandar a Guarda de Autodefesa Ka'apor



Fonte: Centro de Formação Saberes Ka'apor, 2021.

Para honrar a memória de Sarapó, foi criado o evento 'Marcha pelo Bem Conviver com a Floresta'. A primeira edição deste evento ocorreu em junho de 2022, seguida pela segunda edição em maio de 2023. As marchas receberam o apoio de uma variedade de grupos e indivíduos, incluindo pesquisadores e professores universitários, líderes de várias etnias ameríndias, representantes de movimentos pela reforma agrária e membros de associações dedicadas à promoção dos direitos humanos. Esses eventos servem como um testemunho poderoso do legado duradouro de Sarapó e do compromisso contínuo da comunidade em proteger a floresta e os saberes Ka'apor.

4. A segunda marcha pelo bem conviver com a floresta Ka'apor

A Terra Indígena Alto Turiáçu, mundo cosmopolítico dos Ka'apor, tem sido alvo de invasões e explorações que desrespeitam e violam legalmente a profunda conexão dos Ka'apor com seu ambiente e ancestralidade. Diversos atores, incluindo madeireiros, caçadores, fazendeiros e empresas mineradoras, insistem em penetrar no território Ka'apor. Além disso, projetos como a compra de crédito de carbono - Redd+ buscam aliciar os indígenas e suas lideranças para negociar seus recursos naturais. Essas invasões e explorações geram inúmeros conflitos internos e externos, exacerbados pela pressão constante dos não indígenas.

As ameaças recorrentes às lideranças indígenas e não indígenas, culminando na morte de Sarapó, foram fatores determinantes para a realização da Segunda Marcha pelo Bem Conviver com a Floresta. Este evento ocorreu nos dias 13 e 14 de maio de 2023, nas Áreas de Proteção Ywyahurenda e Ararorenda, localizadas no município de Centro do Guilherme, Maranhão. A marcha aconteceu um ano após a morte de Sarapó, cujas circunstâncias ainda não foram esclarecidas pelas autoridades, apesar das denúncias levantadas pelos familiares e indígenas.

A marcha é um ato de resistência e afirmação da soberania dos Ka'apor sobre seu território. É uma demonstração de sua determinação em proteger sua terra, seus recursos e seu modo de vida, apesar das adversidades. A memória de Sarapó, e a luta que ele representava, continua a inspirar e mobilizar o povo Ka'apor em sua contínua defesa de seu território e direitos.

Figura 7. Cartaz da 2ª Marcha pelo Bem Conviver com a Floresta.



Fonte: Centro de Formação e Saberes Ka'apor, 2021.

A marcha não apenas se manifestou contra a criminalização de defensores dos direitos humanos, mas também se posicionou firmemente pela defesa do território indígena Ka'apor. Os Tuxá Ta Pamé, juntamente com participantes de outros povos indígenas e apoiadores da causa, continuam a pressionar as autoridades para combater

a violência, a destruição e a monopolização da floresta Ka'apor. Os Ka'apor da Terra Indígena Alto Turiaçu estão em uma busca constante por sua autonomia socioambiental e pela preservação de seus valores ancestrais diante dos desafios da vida.

Conclusão

Este artigo procurou compreender e apresentar uma mobilização etno-política dos Ka'apor em torno do seu projeto educacional e ambiental, Esta luta, que é uma parte fundamental da vida dos Ka'apor, muitas vezes os coloca em confronto direto com grupos ilegais. Esses grupos buscam invadir e explorar o território Ka'apor, realizando diversas formas de exploração destrutiva. Isso inclui atos etnocidas, que não apenas ameaçam a terra, mas também a cultura e a identidade do povo Ka'apor.

A valorização dos modos de vida Ka'apor vai muito além da simples defesa do macro ambiente florestal. Ela representa um compromisso profundo com a preservação de saberes bioculturais fundamentais para o bem viver. Estes saberes, que são transmitidos de geração em geração, são essenciais para a sobrevivência e o florescimento da cultura Ka'apor. Eles abrangem uma ampla gama de conhecimentos e práticas, desde a gestão sustentável dos recursos naturais até rituais e tradições que fortalecem a coesão comunitária e a identidade cultural. Esses saberes representam um legado precioso que deve ser protegido e valorizado, são a expressão viva da rica herança cultural dos Ka'apor e um testemunho de sua profunda conexão com a TI Alto Turiaçu.

Todo legado dos saberes Ka'apor é de importância inestimável, não apenas para os Ka'apor, mas para todos. Por ele nos lembramos da importância da diversidade dos modos de vida e da necessidade de respeitar e proteger os direitos dos povos ancestrais ameríndios. Ao mesmo tempo, ele nos desafia a repensar nossas próprias relações com a natureza e a buscar formas mais sustentáveis e respeitadas de interação com o mundo ao nosso redor.

Referências

ALMEIDA, Fernando Ozorio de Almeida; NEVES, Eduardo Góes. *Evidências arqueológicas para a origem dos tupi-guarani no leste da Amazônia*. Revista *Mana. Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, vol. 21, (3), p. 499-525, 2015.

AMADOR de Deus, Z. *Espaços africanizados do Brasil: algumas referências de resistências, sobrevivências e reinvenções*. Revista *Eletrônica: Tempo - Técnica – Território*, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CASTRO e Silva Marcos Araújo. “et al”. *Genomic insight into the origins and dispersal of the Brazilian coastal natives*, Vol. 117, (5), p. 2229–2231, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. *A inconstância da alma selvagem: e outros*

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (Cimi). *Conselho de Gestão Ka'apor reafirma ações de fiscalização territorial após assassinato de indígena do povo*. Publicado em: 28/10/2023. Disponível em: <http://goo.gl/lzJRO>. Acesso em: 05 nov. 2021.



- CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- DESCOLA, Philippe. *Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia*. In: Mana, 1998.
- DOTT, Gustavo Luiz Guilherme, *Descrição dos rios Parnahyba e Gurupy*. Volumes 137-138 de Editor 1938.
- ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/indigenas-ka2019apor-pedem-plano-de-protecao-territorial-para-a-terra-indigena-alto-turiacu> Acesso em: 25 nov. 2023.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor> Acesso em: 22 dez. 2023.
- LARAIA, Roque de Barros. Tupi: *Índios do Brasil Atual*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- LEMONS, F. C. S. ; MORAES JR, Manoel Ribeiro . *O grupo como dispositivo ético, estético e político de governo de si e dos outros*. ESTUDOS CONTEMPORANEOS DA SUBJETIVIDADE, v. 13, p. 224-231, 2023.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução Maria Celeste da Costa e Souza, Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.
- MAPEAMENTO PARTICIPATIVO, AUTOGOVERNO E GESTÃO TERRITORIAL NO TERRITÓRIO INDÍGENA ALTO TURIACU- MARANHÃO*, CFSK, 2023.
- MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.
- NEVES, Lino João de Oliveira. *Olhos mágicos do Sul (do Sul): lutas contra-hegemônicas dos povos indígenas no Brasil*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicul-tural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 111-151.
- OLIVEIRA, Roberto C. *Identidade, etnia e estrutura social*, São Paulo, Pioneira, 1976.
- PACHECO de Oliveira. *Indigenismo e Territorialização: Poderes, Rotinas e Saberes Coloniais no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 1998.
- PROJETO PEDAGÓGICO E CURRICULAR KA'APOR – PPCK*, 2020.
- RIBEIRO, Darcy. *Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Orlando Sampaio. *Índios do Tocantins*. Manaus: Valer, 2009.
- TZVETAN; T. *Introdução à literatura Fantástica*. Premia editora de livros S.A C. Moréia 425 A, México, 1981.